Resenhas

Croce e o Breviário de estética: um clássico

Paloma O. de Carvalho Santos*

É impossível resistir à profundidade e clareza do *Breviário de estética* de Benedetto Croce. A obra foi realizada em função da impossibilidade do autor comparecer à inauguração do Rice Institute em 1912 (Universidade de Houston, no Texas), sendo, então, convidado a substituir as aulas por um “manuscrito” das lições. O resultado é uma obra de singular profundidade filosófica e uma relação sincera com o mundo artístico: o amante das artes e da poesia se encanta, como o próprio autor, que finalizando o trabalho em 1913, percebeu que seria de utilidade para estudantes por condensar os conceitos mais importantes de sua Estética.

Segundo Croce, a arte não é cartesianamente uma alegoria de conceitos e valores, nem irracionalmente um fenômeno passional, uma pulsão inconsciente. Para Croce, arte é **visão ou intuição**. A intuição do artista produz imagens com o caráter pré – lógico. A percepção por parte do espectador da obra de arte dá –se, da mesma forma, pela recriação de imagens (identificação). O teor lírico da arte revela – se por sentimentos, e não informação. Os sentimentos, as paixões na esfera estética produzem visões ou intuições, conceitos fundamentais para Croce que denomina a intuição (livre exercício da fantasia), a *forma auroral do conhecimento*, pois precede a percepção

e desta não depende. A imagem não pressupõe o conceito, é anterior a este. Entretanto o conceito não ignora a imagem. A mente humana é atravessada por imagens e a metáfora é a forma primordial de apreensão de conhecimento.

A partir desse conceito de arte como intuição, Croce expõe o que *é arte*; o que a arte *não é*; desfaz preconceitos e decorre sobre confusões históricas acerca da arte e que *entulham* o campo da Estética.

A arte pode ser construída fisicamente, mas não é um fato físico. A poesia precisa das palavras, a pintura precisa das cores, mas não é possível contar nas palavras ou pesar numa estátua seu conteúdo físico de arte. Não é possível determinar que certas cores ou relações de cores, ou formas de corpos, ou sons e relações de sons sejam, por definição, artísticos. Essa foi a tentativa dos cânones: a tentativa de fixar padrões que dessem conta de uma realidade física constante de arte.

A arte não pode ser ato utilitário e, por isso, não pode ser um prazer para afastar a dor. Um prazer não é necessariamente artístico, podemos encontrar situações prazerosas cotidianas que não podem ser definidas como atividades artísticas. A arte pode ser prazer, pode ser agradável, mas também pode ser o feio, o odioso: a realidade da arte tem o poder de perturbar –nos, não podendo ser confundida com o agradável (aquilo que se definiu como Estética Hedonista).

A arte não pode ser confundida com um ato moral: não nasce por efeito da vontade; a imagem realiza –se, não é louvável ou reprovável moralmente. À arte não cabe a educação, à correção dos costumes, ou à elevação numa esfera espiritual superior. Pedir que a

arte realize tais coisas é impedir sua realização livre, e para a arte não há limites, a arte não pode estar a serviço de ideais, está numa esfera diversa àquela da moral. O artista é incensurável.

E, ainda como negação, a arte não é conhecimento conceitual (ou inteligível), é conhecimento intuitivo ou sensível. Reivindica –se com isso, a autonomia dessa forma particular de conhecimento, mais simples e elementar, que não pertence à esfera do verdadeiro ou do falso. O pensamento artístico é pré – lógico. Quando a idealidade transforma – se em conceito, reflexão e juízo, morre a arte. Não existe a “revelação da verdade” na arte. Croce salienta que “... esta reivindicação do caráter alógico da arte é a mais difícil e importante entre as polêmicas incluídas na fórmula da arte como intuição; porque as teorias que tentam explicar a arte como filosofia, como religião, como história ou como ciência, e, em grau menor, como matemática, ocupam de fato a maior parte da história da ciência estética e se adornam com o nome dos maiores filósofos” ; Kant esclarece que intuição é intuição e não “conceito confuso”.

Intuição é a produção de uma imagem, a fantasia é produtiva, diferenciando – se da pura imaginação, que seria acumulação incoerente de imagens. Croce toma como importante tarefa distinguir intuição artística de mera imaginação incoerente. A fantasia é produtiva, e a imaginação é parasita. A imagem artística é tal quando une um sensível a um inteligível, e representa uma idéia.

“Inteligível” e “idéia” significam conceito, e o conceito une inteligível e sensível (não apenas na

arte). O novo conceito de conceito, inaugurado por Kant, vem unir mundo sensível e mundo inteligível. Existe um elemento sensível no conceito, e a perfeita unidade destes caracteriza uma obra de arte. A intuição, portanto, é uma idéia inseparável de uma imagem, tendo sido esta transformada em representação desta idéia. Representação e não alegoria. Das obras medíocres (que permitem – se separar em idéias, estilos e imagens, como a separação entre representação e sentimento) destacam – se as verdadeiras obras de arte que, em perfeita conjunção de sentimento arrebatador e representação nítida, explicitam a unidade da intuição: um símbolo em que idéia e imagem estão inseparáveis.

As obras medíocres tendem a ser alegorias de idéias (para aqueles classistas que optam pela representação pura, pela clareza das idéias sobre os sentimentos), ou violência das emoções sem conceitos (aqueles românticos angustiados com a predominância da razão). Em ambos há a falta do elemento unificador, e então permitem que as separemos entre estilos. Croce deixa claro que as grandes obras não podem ser classificadas em estilos, pois sendo únicas e transgressoras, não podem ser comparadas com outras de menor grandeza, fruto de escolas, parciais em suas imperfeições, mecânicas em sua formação: puro ajuntamento de imagens.

A característica de imersão no particular da obra de arte evidencia – se: não existindo classes artísticas, a única classe possível comum a todas as obras artísticas seria a lírica. E sendo todas as artes líricas, esta classificação torna – se redundante, porque em definição, a arte dá –

se como intuição. A imagem é o estado de pura particularidade, é uma sensação única, irrepetível e que a partir desta conduz – nos ao universal. A criação poética nasce do particular para o universal e não vice – versa, sendo cada obra única em natureza expressiva.

Dos preconceitos acerca da arte, o primeiro exposto por Croce é o preconceito de separar conteúdo e forma. A arte é uma síntese *a priori* estética, viva, é a relação, a unidade entre sentimento e imagem na intuição, a união entre conteúdo e forma que a caracterizam. Convém, então, dedicar ao sentimento a posição originária (de conteúdo) que convulsiona a criação artística, devendo considerá – lo não como único responsável para esta, mas em conjunção com um ato imediatamente posterior: o da formação da imagem (posição de forma) na criação artística, que somadas geram o que Croce chama de intuição.

Outro preconceito seria o de separar intuição e expressão. Croce rebate este preconceito com o argumento de só conhecermos intuições expressas. Separar imagem da tradução física da imagem é inconcebível: não existe preexistência de imagens, elas dão – se no ato expressivo, ou não existem de todo. Tendo explicitado que a arte pode ser construída fisicamente, mas não é um fato físico, não excluímos desta a sua necessidade de expressão através dos meios físicos que a tornam reais, ou seja, expressão. Não existe o grande artista que não saiba exprimir – se e a arte realiza – se na transformação de intuições em coisas físicas.

Outro preconceito seria aquele do ornamento: a maquiagem, o excesso, imprópriamente, destróem o próprio conceito. Excesso de elementos inexpressivos,

agregados, extrínsecos, descaracterizam a expressão, tanto como se esta ainda não tivesse ocorrido por falta de elementos. Expressão e beleza são um conceito único e não incluem ornamentos, isto é, excessos.

O ornamento manifestou – se principalmente na linguagem retórica. Somente com Giambattista Vico (século XVIII), formou – se a ligação entre linguagem e pensamento poético, reconhecendo a natureza artística da linguagem, em contraste com o conceito anterior de sua relação com a lógica. Segundo Croce, não são as idéias que produzem as imagens da arte, são as intuições dos sentimentos eventualmente associados àquelas idéias, àqueles valores. Esta epistemologia baseada no pensamento de Vico concebe a metáfora como lógica da sabedoria poética, a forma como a identidade é originalmente absorvida na percepção, pela qual todos os homens formam as imagens no cérebro antes da posição em que se formam os conceitos, a percepção primeira de identidade. A metáfora é anterior à analogia, que já é uma abstração (relação que duas coisas diferentes possuem).

A identidade está relacionada à forma como percebemos o ser das coisas. Vico questiona a forma como a mente primeiramente se relaciona com o mundo, e esta primeira relação começa com a imagem. A abstração já é o caminho para o conceito, algo que já sai da esfera poética para entrar na abstrata (cartesiana). Vico trata, então, de algo anterior ao conceito cartesiano de raciocínio, momento este que todos dependemos para chegar ao próprio raciocínio.

Croce expõe ainda o preconceito da possibilidade de distinção de várias ou muitas formas de arte, cada

qual determinável em seu próprio conceito e limites, e dotada de leis próprias.

Este preconceito realiza – se como teoria dos gêneros literários e artísticos (lírica, drama, romance, poema épico e romanesco); e como teoria *das artes* (poesia, pintura, escultura, arquitetura, música, arte do ator, paisagismo). Croce deixa claro que as subdivisões em gêneros, assim como em estilos, não é possível, partindo da realidade particular e transgressora de cada obra. A obra genial desafia os parâmetros e os gêneros, criando consigo o que seria um gênero particular, alargando ou impossibilitando a fixação de normas, irreduzíveis, e esvaindo – se na definição geral de arte. Cada obra tem sua lei própria e seu valor individual, pleno, insubstituível e incomparável. É infundada qualquer teoria da divisão das artes. O gênero ou classe é um só: a própria arte. Por outro lado, as generalizações errôneas e arbitrárias são úteis para a classificação, conhecimento e educação para arte, como um índice, considerando – se sua incapacidade de julgar e abarcar a infinidade inclassificável e anárquica da realidade.

A História ordena genéticamente e concretamente, para dar relevo a certas relações importantes, conexões orgânicas, como etapas sucessivas e necessárias para o desenvolvimento do espírito.

Se a intuição não é condicionada ao contexto, mas é por este influenciada, faz parte da história da arte diferenciar o que é o tema do qual fala aquela arte e não tomá – lo pela arte em si. O indivíduo artista é tomado por duas forças: aquela que é condizente com o seu tempo, que é coerente historicamente; e uma

força universal que é filosofia. A arte surge de dentro dessas duas forças, desses sentimentos pelos quais o homem – artista é tomado, para produzir uma imagem através de uma intuição. A arte é o algo mais, e não pode ser abarcada pelo objetivismo dos temas ou daquilo que é comum à toda alma humana. A arte é o singular. A história e a filosofia realizam – se na esfera da percepção, a percepção de produções humanas.

Confundir intuição e percepção significa confundir arte com história ou filosofia. A história da arte, através da percepção, realiza um juízo (consciente, verossímil) de como uma expressão artística deu –se, ou seja, utiliza – se da percepção para falar da intuição. Categorizando, qualificando, sintetizando, analisando conteúdo e forma, ou seja, tomando os segundos e terceiros níveis da obra, os meios que possibilitaram a materialização da imagem. A percepção é a consciência (juízo) do realmente ocorrido (histórico) em torno do não ocorrido fisicamente, somente idealmente, que é a arte.

Defender a autonomia da arte é defender sua própria existência. A arte é imagem, e por sê – lo, é inexplicável. O artista não produz arte a partir do contexto, mas a forma de pensar do artista possui uma carga contextualizada e também uma carga não contextualizada. O artista produz uma obra inqualificável, mas esta obra produz qualificações. A arte é independente, mas produz conceitos que são dependentes; não é real, é atividade de espírito, mas produz elementos reais passíveis de análise; não é conceito, mas produz conceitos, produz conhecimento: o conceito, tipo, número, medida, moralidade, utilidade. Prazer e dor existem dentro da

arte, estão contidos dentro dela, mas não se pode pressupô-los à arte.

Croce escreve ainda sobre a crítica e a história da arte, existindo aqueles tipos de crítica inúteis: a pedagógica, que tem a ambição de guiar a orientação dos artistas; aquela que julga, consagrando e condenando qualidades na arte que já foi produzida, a moralizante, a hedonista, a intelectualista, e muitas falsas críticas e falsas filosofias da arte, que se baseiam nos preconceitos.

A crítica que tem caráter de comentário ou interpretação, que permite que a arte opere é útil, sendo não invasiva, mas aceitando-se como uma criação à parte, reconhecendo sua impossibilidade de representar ou recriar a própria obra. Ela funciona preparando pessoas para as novas formas, depurando-as de seus preconceitos, ajudando-as a ler, a interpretar, afastando os obstáculos que impedem o alcance da unidade espiritual da obra.

A história está na arte mas não é a sua origem. As formas do espírito que se manifestam na vida, como a ciência, a arte, a filosofia, são circulares, interdependentes, não sendo reservadas as qualidades poéticas apenas ao poeta, mas conceber poesia e prosa como conceitos coordenados e em desenvolvimento. Assim, encontramos passionalidade na ciência, mantendo, junto com o caráter científico, o caráter artístico. As várias formas do espírito são necessárias umas às outras, sendo portanto, todas necessárias. Poesia seria, para Croce, a expressão da imagem; e prosa, a expressão do juízo ou conceito. A força lírica (poética) pode aparecer em qualquer matéria passional mesmo na prosa ou na ciência, bastando ter pas-

sionalidade de poeta (paixão pela arte). É possível manter junto com o caráter científico o caráter artístico. Assim, no discurso histórico, a qualidade da narrativa não elimina o caráter científico do documento. A qualidade literária não exclui a qualidade científica.

A história da arte compreende as possibilidades e limitações com que cada obra restringe –se ao tempo e espaço em que foram criados, e ao mesmo tempo, consegue subverter estas restrições. Portanto, a arte pode ser percebida com uma carga genérica de documento (sua forma e seu conteúdo conceitual, ambos contingentes), sem deixar de ser monumento (a imagem única que ela forma). Daí decorre uma dificuldade maior de se considerar grandes configurações histórico – culturais a partir das obras de arte, que se mostram difíceis em se reduzir à cultura. Entretanto, é possível reconhecer nas intuições dos artistas os sentimentos que a vida provoca.

Cada época teve a arte que pôde ter, e Croce acredita na idéia filosófica de progresso. Nenhuma época pode viver sem filosofia e arte, e Croce acredita no desenvolvimento humano no sentido do acrescentamento espiritual perpétuo.

Referência bibliográfica

CROCE, Benedetto. *Breviário de estética, aestetica in nuce*. Tradução de Rodolfo Ilari Jr. São Paulo: Ática, 1997.

Paloma O. de Carvalho Santos é mestranda em História Social da Cultura (PUC/RJ), graduada em Comunicação Social (UFRJ) e professora de Fotografia para Cinema da Universidade Gama Filho.